

O Calcolítico no concelho de Lousada: dois machados em cobre provenientes de Ronfe (Meinedo)

Luís Sousa*

1 - Breves notas de estudo sobre o Calcolítico em Lousada

O Calcolítico, período compreendido entre os finais do IV^o e finais do III^o milénio aC., é praticamente desconhecido no concelho de Lousada, não se tendo, até ao momento, ensaiado qualquer tentativa de estudo. Não sendo, todavia, nosso propósito tecer quaisquer considerações de fundo, julgamos oportuno apresentar alguns dados actualmente conhecidos.

As dificuldades sentidas para a elaboração, ainda que breve, de uma síntese sobre o Calcolítico no concelho de Lousada, prendem-se a duas razões, primeiro, devido aos insuficientes dados existentes, e segundo, por nunca se terem identificado artefactos ou outro tipo de dados, nomeadamente os procedentes de contextos cronoestratigráficos. Deste modo, o objectivo principal deste texto é dar a conhecer alguns dados provenientes de achados avulsos e de referências contidas em bibliografia da especialidade, condensando num único texto os dados e referências até aqui dispersas. Apesar de se saber qual a proveniência da maioria dos materiais, são desconhecidas as condições de achado, pelo que o local a que nos reportaremos é aquele que surge contido em bibliografia ou à sumária proveniência geográfica apenas ao registo de inventário que algumas peças depositadas em reserva de museu possuem.

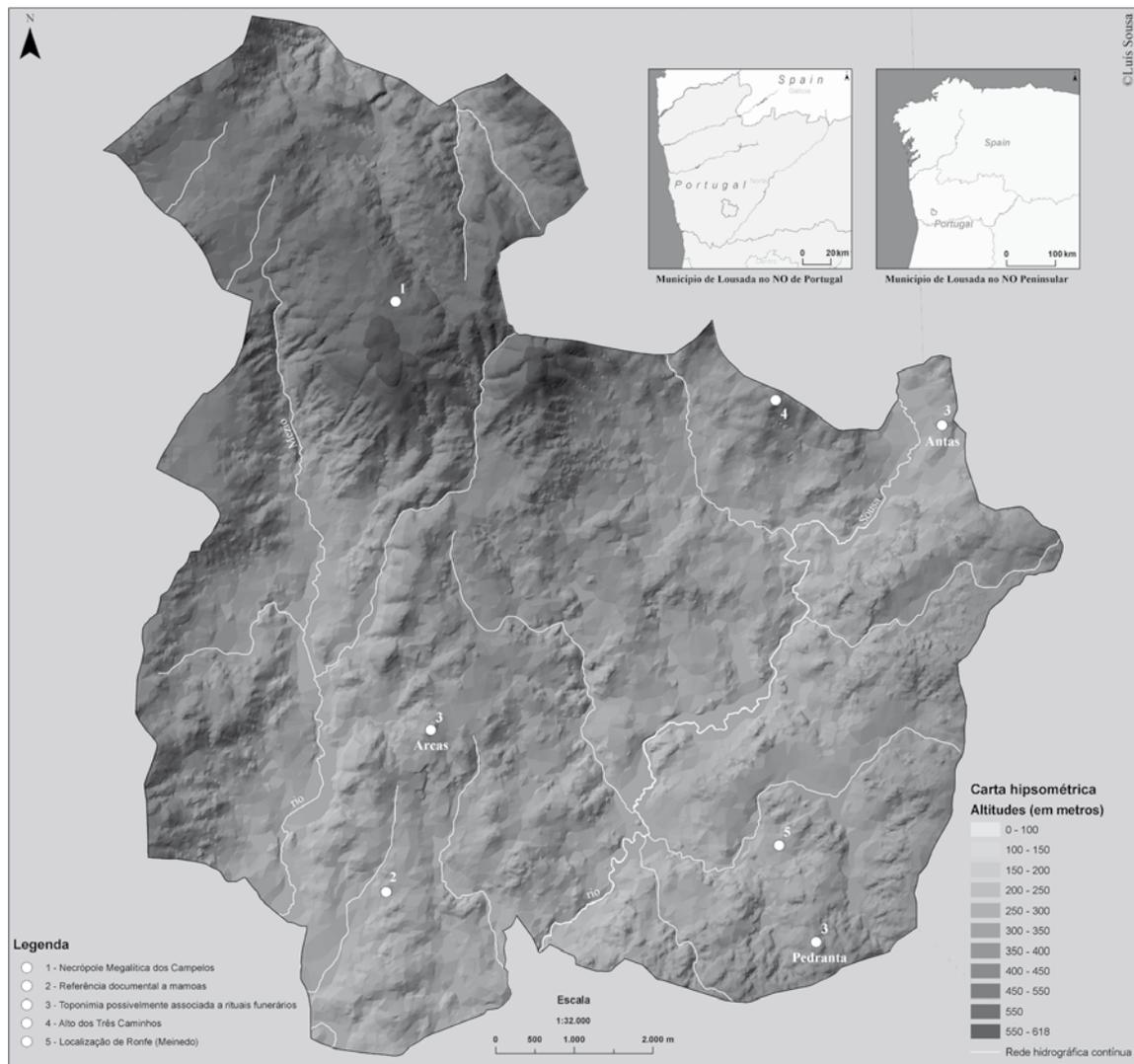
É sabido que durante o lato período normalmente denominado Calcolítico, se processaram um conjunto de significativas mudanças que revelam estratégias de consolidação do sistema agropastoril. Este pautou-se por 'sigilar' a paisagem, moldando-a de diferentes formas, o que é revelador de uma rica dinâmica de apropriação do espaço, em que vemos de igual modo serem ocupados *plateaux* (Necrópole Megalítica dos Cam-

pelos-Lustosa), outeiros (Alto dos Três Caminhos-São Miguel) e zonas de vale (Ronfe-Meinedo, assim como os territórios apontados pela referência documental e toponímia). Se por um lado os habitats e áreas sepulcrais em altura nos mostram ou permitem depreender uma ocupação assente sob certas preocupações de ordem defensiva, refugiando-se de perigos de variada ordem, por outro, a descida de comunidades para terras fundas, detentoras de abundantes recursos aquíferos, por isso favoráveis a uma agricultura intensiva, possivelmente com uma função já de carácter excedentário, revelam outras formas e intenções na apropriação do território envolvente ao assentamento, mostrando, desde logo, uma certa despreocupação do ponto de vista da protecção. Este fenómeno, julgamos, é um prenúncio da cisão inter-grupos que irá marcar os períodos subsequentes.

Não nos é permitido, uma vez mais devido à completa falta de informação de cariz arqueológico, apontar continuidades ou roturas ocupacionais nos espaços antropizados durante o período presentemente abordado para o concelho de Lousada. Se de momento se constata o aparecimento de diferenciados 'habitats', parece-nos importante evidenciar o mantimento/recuperação e construção de espaços sepulcrais, dos quais se destaca a Necrópole Megalítica dos Campelos (Lustosa), com uma provável perduração ainda durante esta fase sobre a qual presentemente nos debruçamos, e, talvez, até ao Bronze Final, o que espelha larga persistência temporal de um espaço vivencial de memória colectiva.

O concelho de Lousada, território até agora marginal a estes fenómenos da 'calcolitização', mercê apenas pelo total distanciamento por parte dos investigadores por este espaço geográfico, integra-se, tal como o constatado para outras

* Arqueólogo/Assistente de Arqueólogo do Gabinete de Arqueologia do Município de Lousada



Mapa 1 – Dispersão de sítios arqueológicos possivelmente enquadráveis no Calcolítico. Mapa administrativo do Município de Lousada.

regiões, numa dinâmica em cuja ‘domesticação do espaço’ foi implantada e encarada como forma estratégica de sobrevivência num momento de roturas sociais, num clima de forte tensão despoletada pela disputa de territórios até então pouco apetecíveis. A disseminação de comunidades calcolíticas em direcção ao vale, buscando superfícies agricultáveis, de boas aptidões agrícolas e detentoras de bons recursos aquáticos, carece, nos actuais limites administrativos do Município de Lousada, de localizadas intervenções arqueológicas de carácter intrusivo que permitam sustentar uma base teórica. Em todo o caso, recorrendo aos vestígios arqueológicos, ao estudo da toponímia e à leitura de documentos medievais, encontramos indícios de cariz

cerimonial/ritual associados a enterramentos em cinco áreas (**mapa 1: 1/2/3**), embora apenas o seja comprovadamente a Necrópole Megalítica dos Campelos (Lustosa), dada a presença de diversos monumentos sob *tumuli*. Sem que até ao momento nos tenha sido permissível constatar as realidades arqueológicas dedutíveis da leitura da toponímia e da documentação medieval, não deixa de ser interessante verificar a disseminação pelo território, na verdade, de referências que nos indiciam a presença de monumentos megalíticos. Referimo-nos especificamente aos topónimos Pedranta (Pedra de Anta?) (Caide de Rei), Arcas (Cristelos), Antas (Torno) e a menção às mamoas de Vilarinho e mamoas de Torres, surgidas numa carta de venda datada de

1113¹, aquando da indicação dos limites da *villa Bolio*, que se situaria nas proximidades do actual lugar do Bairral/Bola, na freguesia de Nespereira. Se atendermos à disposição geográfica destes elementos, ainda que por aproximação, verificamos que se pautam por um assentamento que privilegia a topografia - sem grande projecção visual, mas que se destaca no território circundante -, buscando uma implantação, normalmente, na bordadura de caminhos que estão na ligação a ancestrais núcleos megalíticos. O posicionamento destes monumentos parece também obedecer a certos critérios de controlo visual de passagens naturais (portelas) ou trechos de um determinado caminho. A crescente intensificação económica e especialização das produções (vulgarmente chamada de RPS - Revolução dos Produtos Secundários), que por seu turno permite depreender um aumento demográfico, terá desencadeado uma situação de competição inter-grupos, patente no surgimento dos denominados povoados ou recintos fortificados (Cardoso, 2002: 251-252), de que o Alto dos Três Caminhos² (São Miguel de Lousada) (**mapa 1: 4**) parece possível relacionar-se. Trata-se de um destacado outeiro situado sobre a margem direita do rio Sousa, no topo do qual se alcança uma vasta panorâmica da paisagem circundante. Cabe aqui referir que é a A. Peixoto a quem se imputa a primeira referência à existência de vestígios arqueológicos neste local (Sousa, 2007: 39 e 106-107). O autor, num artigo publicado no *Jornal de Louzada*, em 1913, referiu que “na freguesia de São Miguel, na extremidade norte, existe um Crasto, monte elevado, de forma cónica, assim chamado pelo povo, e em cujo cimo há, principalmente do lado do poente, uma ondulação de terreno que foi certamente um valo ou trincheira para defeza, em casos de guerra” (Peixoto, 1913/1915, 329: 1).

2 - Dois machados em cobre provenientes de Ronfe (Meinedo)

Nestas múltiplas formas de apropriação do território e de relações sociais que atrás enumeramos, integrar-se-á Ronfe, lugar da freguesia de Meinedo, situado na margem esquerda da ribeira de Caíde, em pleno vale do rio Sousa (**mapa 1: 5**). Daqui provêm dois machados planos em co-

bre, depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), ambos sob o inventário nº 1423. Desconhecidos os contextos e condições de achado dos machados, não nos é, de momento, permissível apontar cabalmente as entidades arqueológicas que estarão na base e na razão do surgimento destes na área apontada. A descontextualização crono-estratigráfica dos artefactos é, deste modo, ingrata, pois que não nos permite alargar considerações.

Ao que tudo indica, o depósito destes machados no Museu Nacional de Arqueologia, deveu-se a José Leite de Vasconcelos, ignorando-se porém a conjuntura que a terá proporcionado.

A se confirmar uma efectiva ocupação do espaço durante o Calcolítico Final na área de Ronfe (Meinedo), estaremos perante um fenómeno de disseminação populacional, já constatado para outras regiões do país, integrando-se numa dinâmica de grupos «fraccionários» locais, agregados num comum processo de sedentarização e ocupação de novos territórios até então não sistematicamente habitados.

Beatriz Comendador Rey, investigadora da Universidade de Santiago de Compostela, desenvolveu em 1997, no âmbito da sua Tese de Doutoramento, um interessante e meritório trabalho de investigação em redor das primeiras manifestações metalúrgicas no NO Peninsular. No extenso texto desenvolvido encontramos a referência a Lousada, mais propriamente a Ronfe (Meinedo), local para onde se regista o aparecimento de dois machados planos em cobre, um denominado “pequeno” e o outro “plano”, tendo a autora apontado para estes artefactos uma cronologia entre 2500-2000 aC., ou seja, período a que genericamente se denomina de Calcolítico Final/Bronze Antigo. Antes desta investigadora, já estes dois machados haviam sido mencionados em estudos similares. O machado “pequeno” foi estudado pela primeira vez por P. Harbison, em 1967, voltando logo no ano seguinte a ser referido num trabalho conjunto da autoria de S. Junghans; E. Sangmeister e M. Schröder. Por 1977, este machado, dito “pequeno”, aparece nos referido no estudo sob o título “Die Beile Auf Der Iberischen Halbinsel. Prähistorische Bronze-funde”, da autoria de L. Monteagudo³. Caberá precisamente a este investigador, neste mesmo tra-

¹ Documentos Medievais Portugueses, doc. nº 459, p. 393; Lopes, 2004: 285-286.

² Deste povoado provém apenas um pequeno fragmento cerâmico de pasta acinzentada escura, com decoração a ponteados, possivelmente enquadrável, do ponto de vista cronológico, no Calcolítico. A densa vegetação e cobertura arbórea não têm permitido rastrear convenientemente este povoado, que se tem mostrado como um dos mais representativos em termos espaciais e diacrónicos. Apesar de algumas incertezas relativamente à cronologia do mencionado fragmento cerâmico, constata-se, porém, a presença de alguns materiais que nos permitem apontar de forma concreta para este outeiro uma ocupação entre o Bronze Final e a 2ª Idade do Ferro.

balho, a primazia da divulgação do machado “plano”. Em Portugal, coube a Susana O. Jorge a alusão aos mencionados artefactos, tendo-os enquadrando nos de filiação atlântica. Esta atribui para o machado “pequeno”, tipologicamente pertencente ao grupo IB2, um balizamento cronológico entre 2500-2000 aC., enquanto que, para o machado “plano”, tipo 4B, aponta cronologias ligeiramente mais recentes, entre 2400-1800 aC. (Jorge SO 1986: 867-868). É, contudo, em Beatriz Comendador Rey que encontramos as mais pormenorizadas descrições destas duas “ferramentas/armas”. Sobre o machado “pequeno”, a investigadora diz tratar-se de “Hacha de talón convexo, perfil trapecial y lados rectos. Buena conservación general. Pátina de cloruros acompañada de suciedad. Presenta una acanaladura en una esquina del filo”, quanto ao machado “plano” diz estarmos perante “Hacha plana de talón ligeramente cóncavo, lados rectos y perfil rectangular. Buena conservación general. Corrosión avanzada. Grietas en el talón por problemas en la fundición. Señales de golpes con un objeto que deja una marca lenticular” (Comendador Rey, 1997: 173-174). Estes machados enquadram-se numa área de distribuição que a já citada investigadora considera confinar-se à costa marítima do NO português, abarcando simultaneamente os concelhos de “Paços de Ferreira, Lousada, Santo Tirso, Vila do Conde (distrito de Porto, Douro Litoral); Barcelos, Braga, Esposende, Guimarães, Terras de Bouro

(distrito de Braga, Minho); Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima y Viana (distrito de Viana, Minho)” (Comendador Rey, 1997: 285). É inevitável que a identificação destes machados nos despoiete o interesse em determinar a procedência da matéria-prima. A tarefa não se afigura simplificada, porém, sabemos que nas proximidades do território administrativo que na actualidade compõe o Município de Lousada, se acham filões de quartzo, normalmente associados há existência de minerais. São disto exemplo, as minas de Entre-os-Rios, Paredes e Valongo, onde se conhece a exploração de ouro, prata, chumbo e antimónio (Medeiros; Pereira & Moreira, 1980: 37). É bem possível que o estudo da composição mineralógica destes machados nos revele a origem da matéria-prima empregue na sua feitura, pelo menos ao nível regional, que corresponderá certamente à área de distribuição apontada por Comendador Rey para os “machados planos”, isto é, do Douro Litoral e Minho. Aqui caberia lugar a algumas considerações finais, porém, não o vamos fazer, pois que os dados existentes: parques, lacunares e incipientemente estudados, não o permitem. Ao longo do texto fomos tecendo breves notas interpretativas, muito inconclusivas, superficiais, todavia, necessárias para que se inicie um linear trajecto, rumo a inteligíveis interpretações, que conglomerem pensamentos teóricos para um claro entendimento das estruturas e rituais funerários do Calcolítico em Lousada.

Bibliografia

AAVV 2003 - AAVV (2003) – *Recintos murados da Pré-História Recente. Técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*. Mesa-redonda Internacional (coord. Susana Oliveira Jorge). Porto/Coimbra: FLUP/DCTP/LCR/CEAUCP/FCT. ISBN: 972-9350-82-5.

Cardoso 2002 - João Luís Cardoso (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo. ISBN: 972-22-2157-4

Comendador Rey 1997 - Beatriz Comendador Rey (1997) - *Los inicios de la Metalurgia en el noroeste de la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela Area de Prehistoria, Dpto. de Historia I. Dissertação de Doutoramento (Policopiado).

Harbison 1967 - P. Harbison (1967) - *Mediterranean and atlantic elements in Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia*. Madrider Mitteilungen, 8. Madrid: Instituto Arqueológico Alemán. Madrid. p. 118.

Jorge SO 1986 - Susana Oliveira Jorge (1986) – *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): bases para o conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénios aC. no Norte de Portugal*, vol. I, Texto. Dissertação de Doutoramento em

Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: FLUP (Policopiado).

Junghans; Sangmeister & Schröder 1968 - S. Junghans; E. Sangmeister e M. Schröder (1968) - *Kupfer und Bronze In Der Frühen Metallzeit Europas*. S.A.M., II. Berlin: Man Verlag. Nº 1423.

Lopes 2004 - Eduardo Teixeira Lopes (2004) – Lousada e as suas freguesias na Idade Média. Lousada: Câmara Municipal

Medeiros; Pereira & Moreira 1980 - A. Cândido de Medeiros; Eurico Pereira & Armando Moreira (1980) – Carta Geológica de Portugal. Na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 9-D: Penafiel. Lisboa: DGGM/SGP

Monteagudo 1977 - L. Monteagudo (1977) - *Die Beile Auf Der Iberischen Halbinsel. Prähistorische Bronzefunde*. XI-6. Munich. Nº 91 e 291.

Peixoto, 1913/1915 - P.º Francisco A. Peixoto (1913/1915) – *Lousada: sua origem e antiguidades*, in *Jornal de Lousada*. Lousada: Typografia do “Jornal de Lousada”.

Sousa 2007 - Luís Jorge Cardoso de Sousa (2007) - *Proto-História e Época Romana no concelho de Lousada. Aplicação de um SIG na análise espacial em Arqueologia*. Seminário de Projecto. Porto: FLUP/DCTP (policopiado).

³ Monteagudo, L. (1977) - *Die Beile Auf Der Iberischen Halbinsel. Prähistorische Bronzefunde*. XI-6. Munich. p. 33, tafel 4, nº 91e p. 56, tafel 16, nº 291.